

Editorial: A pandemia que nos afeta

Viver diante de uma possível catástrofe. Vivenciar a catástrofe. Foi assim que muitos de nós nos sentimos em meio aos acontecimentos decorrentes da pandemia de covid-19. A falta de responsabilidade com que o Governo Bolsonaro lidou e vem lidando com a pandemia continua sendo um dos principais obstáculos. A população não teve suporte eficaz para viver dignamente os momentos de isolamento, tendo que se arriscar cotidianamente. O aumento abusivo dos preços em itens básicos e comuns aos brasileiros vem se estendendo e se intensificando. A demora na compra das vacinas e do início das vacinações condenou diversas pessoas à morte. A política do Governo na pandemia vem sendo uma política de morte e extermínio. O lema do presidente pode ser resumido basicamente como “salve-se quem puder”.

Nossas formas de viver e estar no mundo tiveram que ser reestruturadas e reinventadas nesses últimos anos. A Antropologia e o “estar em/no campo” também sofreu os abalos. Além de pesquisar, produzir textos, construir etnografias, tínhamos que fazê-lo à distância, apenas com a ajuda de redes sociais, telefonemas, mensagens. Tivemos que continuar fazendo Antropologia mesmo em meio a notícias e acontecimentos aterrorizantes. Tivemos que viver, sobreviver e continuar existindo em meio a uma catástrofe sem precedentes, experienciando momentos inéditos. Em meio a isso, como cada pesquisador(a) vivenciou seus diferentes campos durante o período de pandemia? Como esses momentos interferiram em nossas vivências e nos processos de imersão que costumeiramente vivenciamos?

Essas perguntas nortearam muitos dos textos e debates realizados no novo número da Equatorial — Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRN referente aos meses de janeiro a junho de 2022. Temos o prazer de apresentar esta edição, que é composta pelo dossiê temático “Estratégias de devotos e brincantes para a

religiosidade em tempos de pandemia” organizado por Tayane Soares (PPGAS/UFRN), Itamara Meneses (PPGCS/UFRN) e Felipe Alves (PPGS/UECE). Além do dossiê, a edição também é composta por uma seção de produções de tema livre, recebidas em fluxo contínuo contendo artigos, tradução e ensaios visuais. O dossiê é composto por 6 artigos escritos por pesquisadores de diversos lugares do Brasil que dialogam entre si e seguem um mesmo fio condutor: pensar o contexto religioso e suas mudanças em tempos de pandemia. Trazem a realidade/perspectiva de cada um, contribuindo no entendimento de como festas, ritos e celebrações tiveram que se adaptar às regras sanitárias estabelecidas durante o período de pandemia. Festas não puderam ser comemoradas, cortejos não saíram mais nas ruas, terreiros não puderam ser mais frequentados e todos tivemos que reorganizar, em alguma medida, nossas vidas. Pesquisas que englobam o mundo social das festas e ritos são, por vezes, envoltas das vivências no campo offline e são detalhadamente relatadas e experienciadas pelos pesquisadores. Sem essa possibilidade de imersão física nesses eventos, apresentamos aqui possibilidades de pesquisas online que souberam compor metodologicamente seus relatos e estratégias partindo desse cenário pandêmico.

Além do dossiê, o número 16 da revista tem outras interessantes publicações. A primeira delas é “Podcasts em sala de aula: tecnologias educativas e pedagogias orais” escrito por Pedro Ribas (PPGAS/UnB) e Ana Noronha (UnB). O artigo parte de dados coletados pela equipe que desenvolve o “Mundaréu”, um *podcast* de Antropologia desenvolvido em parceria entre o Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (DAN/UnB) e o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (Labjor/Unicamp). O objetivo dos autores foi explorar e problematizar como os *podcasts* podem ser usados em projetos educacionais voltados para o ensino e aprendizagem de Antropologia. O argumento colocado por Ribas e Noronha é de que o uso da oralidade nos *podcasts* permite a utilização de diferentes estímulos durante o ensino. Isso faz com que o conteúdo antropológico se expanda e chegue a novos lugares e pessoas.

Outro artigo que demonstra a multiplicidade das pesquisas antropológicas é “Os candomblés vistos a partir de suas contribuições político-epistêmicas” com autoria de Igor Leonardo Torres (PPGAS/UFRN), Almerison Cerqueira Passos (PPGNEIM/UFBA) e Claudenilson da Silva Dias (PPGNEIM/UFBA). Neste trabalho, os autores exploram a construção de identidades candomblecistas como experiências reflexivas de pertença religiosa capazes de agenciar significados e posicionamentos subjetivos e epistemológicos que se relacionam à política e à produção de conhecimento das pessoas iniciadas na religião. Apoiando-se em teorias decoloniais e teóricas feministas negras, argumentam que

os Candomblés são espaços não formais de educação e política e se constituem como vetores que oferecem diferentes estímulos decoloniais na formação de sujeitas. A vida religiosa e sua expressão, desse modo, aparecem como dimensões que levam a processos de subjetivação e atuação política.

As potencialidades da pesquisa antropológica também aparecem no trabalho de Jéssica Dal Piva (UFMS) intitulado “Arcos da vida e Quadra 27: esquecimentos e lembranças no Cemitério Municipal de Toledo-PR”. Neste, a autora apresenta uma análise sobre o espaço cemiterial Cristo Rei após algumas reformas e inserção de monumentos, questionando quais mudanças esses elementos trouxeram para o espaço do cemitério. Dal Piva constrói uma narrativa que mistura memórias, esquecimentos e esboços sobre Antropologia da Morte, demonstrando como espaços cemiteriais são ricos em elementos e objetos que merecem ser pesquisados e vistos, seja pela diversidade das histórias ali presentes, seja pelos questionamentos acerca da morte e do morrer que ensejam.

O artigo que fecha a seção, “Incertidumbre y miedo: emociones y futuros imaginados en tiempos de pandemia¹”, foi escrito por Carolina Castellitti (PPGAS/UFRJ) e objetiva realizar uma reflexão sobre as possibilidades de pensar as Ciências Sociais e a Antropologia mediante as incertezas e medos. Neste ponto, a pandemia de covid-19 traz novas urgências para pensar a Antropologia das Emoções e o futuro como um tópico importante de pesquisa. Esses estados incômodos, na visão da autora, expõem fragilidades que devem ser ultrapassadas para que não caiamos em promessas de soluções fáceis que podem apenas representar novas formas de controle e de exclusão. Baseando-se em produções feitas recentemente nas Ciências Sociais latino-americanas e o contexto pandêmico atual, Castellitti argumenta que, se o futuro é forjado através de processos de criação e imaginação, os cientistas sociais devem assumir tarefas urgentes de pensar compromissos e ações que permitam futuros mais plurais.

No número 16, contamos com uma tradução do texto intitulada “Examinando um poderoso efeito de cura através de uma lente cultural, e encontrando significado²” escrito por Daniel Ellis Moerman, professor de Antropologia na Universidade de Michigan/Dearborn e traduzido por Matheus Cervo (PPGC/UFRGS). Neste texto, o autor argumenta que os placebos existem, mas que são inertes, portanto, não têm efeitos. Com o auxílio de exemplos e situações em diferentes lugares do mundo, Moerman

1 No português: “Incerteza e medo: emoções e futuros imaginados em tempos de pandemia”. Tradução da autora.

2 No original: “Examining a Powerful Healing Effect through a Cultural Lens, and finding Meaning”. Originalmente, o texto foi escrito em língua inglesa e faz parte do livro *Placebo Talks*.

demonstra que os efeitos ocorridos após a administração do placebo estão relacionados aos significados que estes transmitem aos participantes de um evento médico, um tipo de “resposta de significado”. Para ele, nossas visões e entendimentos podem afetar diretamente nossas respostas aos medicamentos, sejam eles inertes ou não. Enfatizamos, desse modo, que a contribuição em formato de traduções facilita e populariza o acesso a debates produzidos fora do Brasil, enriquecendo as análises antropológicas dos estudantes.

A seção de Ensaio Visuais, que finaliza o número 16, possui duas obras. O primeiro dos ensaios é “A fartura do desperdício” que conta com excelentes registros de Ana Thaís Vasconcelos Santos (INTA/UNINTA) e Jorge Luís Pereira Cavalcante (INTA/UNINTA). Neste ensaio, os autores buscam apresentar uma reflexão crítica sobre o cultivo e a manipulação da produção de caju. A fruta tem sua maior produção nos estados do Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte e possui um rico valor comercial, principalmente quando fazemos a comparação entre a castanha e o pseudo-fruto (o caju). Com a grande produção, também existe um grande desperdício de produto. O ensaio, assim, apresenta registros imagéticos de momentos de desvalorização do caju e aponta possibilidades do uso e de aproveitamento do fruto de modo artesanal.

O último trabalho do número 16 foi produzido por Virginia Yunes (UDESC) e chamado de “Retratos de San Félix: Patrimônio Imaterial Afro-Argentino”. A autora mostra que essa localidade atualmente tem cerca de 200 habitantes e 45 famílias, se caracterizando como único povoado onde todas as pessoas são afrodescendentes, existindo e resistindo em solo argentino. A partir de retratos dos moradores, fotos das estruturas das casas e dos entornos do povoado, o trabalho objetiva construir narrativas distintas de relatos hegemônicos argentinos brancos e eurocêntricos ao tornar visíveis habitantes afrodescendentes e suas comunidades. Tal perspectiva é essencial na construção de uma antropologia latino-americana.

Perceber as nuances antropológicas que cada um dos artigos que compõem o número 16 da Equatorial nos convida a pensar a pluralidade das pesquisas em diferentes campos, possibilitando diálogos teóricos e metodológicos a partir das diversas experiências de “estar em campo”. Participar da equipe de uma revista científica como a Equatorial enquanto estudantes de mestrado e doutorado nos possibilita também conhecer a todo momento diferentes modos de ser pesquisadores. Todos os trabalhos publicados neste número, de alguma forma, nos fizeram pensar no contexto de urgência, mudanças e crises que a pandemia trouxe para nossas vidas e que nos afetaram tão fortemente nos últimos anos. Acreditamos que, em vez de fragilizar a Antropologia, o

contexto pandêmico conseguiu nos mostrar novas formas de fazer e questionar. Mais do que isso, nos mostrou a importância de construirmos bases sólidas e nos aliarmos ainda mais a grupos fragilizados e que têm construído suas narrativas não lineares e longe de verdades hegemônicas. Para nós, é dessa forma que produzimos a Antropologia como uma ciência responsável, ética e forte, demonstrando as diferentes realidades locais dentro de cenários globais, constantemente nos questionando e reinventando.

Desejamos uma excelente leitura!

Hellen Monique dos Santos Caetano

Membro da Equipe de Edição Geral da Revista Equatorial
Doutoranda em Antropologia Social (PPGAS/UFRN)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Heytor de Queiroz Marques

Membro da Equipe de Comunicação da Revista Equatorial
Doutorando em Antropologia Social (PPGAS/UFRN)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte